



# *Estudo de gênese das Mil e uma noites de D. Pedro II*

Rosane de Souza / Universidade Federal de Santa Catarina

manuscrita

RIGOROSO COM A pontualidade, sereno e dedicado à leitura, aos doze anos já falava e escrevia francês, lia e traduzia em inglês, aos catorze anos compunha e vertia latim com precisão. Apreciador das ciências e das artes, lia tudo que lhe caía em mãos. Ao longo de sua vida demonstrou grande interesse pelas línguas. Falava alemão, italiano, espanhol, francês, latim, hebraico e tupi-guarani. Lia grego, árabe, sânscrito e provençal.

Tal erudição a princípio nos remeteria a um acadêmico ou pessoa ligada às letras. Todavia, são características literárias e científicas do imperador do Brasil, D. Pedro II. Inserido no universo das ciências e das artes, despertou grande admiração de nomes do mundo literário, tal como Victor Hugo, Louis Pasteur, Alexandre Herculano, Visconde de Taunay.

Por ser um apreciador das artes e das letras, D. Pedro II realizou como atividade intelectual, além da escrita de poesias, a tradução. Por possuir um amplo conhecimento de línguas, pôde traduzir obras de grandes nomes da literatura mundial como Victor Hugo,



Schiller, Manzoni, Longfellow. Devido ao interesse maior de pesquisas sobre a atuação do papel de governante, pouco se pesquisou sobre o conteúdo literário dessas traduções, porém ressalta-se que novas pesquisas<sup>1</sup> estão em andamento para que se possa definir o perfil de D. Pedro II enquanto tradutor. Ademais, temos com esse trabalho um primeiro passo para definirmos o tradutor D. Pedro II. Ressaltamos que nossa pesquisa ocorreu exclusivamente sobre a análise de parte da tradução das *Mil e uma Noites*, sendo esta comprovadamente a primeira tradução diretamente do original árabe para o português.

Tendo em vista que o livro das *Mil e uma Noites* obteve um êxito enorme ao ser traduzido para o ocidente, sobretudo a tradução do orientalista francês Antoine Galland que, por ser a primeira, instituiu um grande entusiasmo nos leitores com as maravilhas do mundo árabe, podemos intuir que pode ter vindo daí o interesse de D. Pedro II pelo livro e seu empenho em traduzi-lo. Além, é claro, do já comprovado interesse que possuía pelas culturas orientais, em especial pela língua hebraica que, segundo ele, tem seu entendimento facilitado através do conhecimento da língua árabe e ainda pelo fato de D. Pedro II considerar a literatura árabe “muito rica e sobremodo interessante”<sup>2</sup>. Consta também no diário do imperador indicações de conversas com o cônsul inglês que residiu no Brasil, Sir Richard Burton, sobre a cultura oriental e sobre o *Li-*

1. Entre as pesquisas, citamos os trabalhos desenvolvidos pelo Núcleo de Estudos em Processos Criativos da Universidade Federal de Santa Catarina (NUPROC/DLLE-UFSC).
2. Prefácio da tradução do texto hebraico: *Poesies Hebraico-Provençales Du Rituel Israélite Comtadin*, Avignon, 1891.

Ateliê

vro das *Mil e uma Noites*, sendo que o cônsul foi um dos principais tradutores da obra para o inglês.

Consistindo nosso objeto de pesquisa a partir de um manuscrito de tradução, buscamos suporte teórico e metodológico que abrangesse tal objeto. Assim, nos apoiamos na Crítica Genética e nos Estudos Descritivos da Tradução por entender que ambos possuem o mesmo paradigma, ou seja, uma metodologia similar e, sobretudo, princípios teóricos que funcionam em sintonia. Dessa forma, tentamos reconstituir, de maneira empírica e com base nos dados, o processo criativo de D. Pedro II, buscando verificar as normas seguidas por ele, bem como as influências que o teriam levado a determinadas escolhas de sua tradução.

Primeiramente, buscamos verificar quais os parâmetros seguidos pelo tradutor ao realizar seu trabalho. Para alcançarmos tal objetivo, realizamos o cotejo entre as traduções de D. Pedro II e de Mamede M. Jarouche<sup>3</sup>, visto que este último primou pela fidelidade ao original. O apontamento dessas características nos auxiliou na construção do perfil de tradutor, bem como na descrição da obra traduzida.

#### D. PEDRO II E A TRADUÇÃO DAS *MIL E UMA NOITES*

Os manuscritos-autógrafos da tradução das *Mil e uma Noites* de D. Pedro II estão arquivados no Museu

3. Professor do curso de árabe da Universidade de São Paulo (USP). Realizou a tradução das *Mil e uma Noites* diretamente do original. Sua fonte de trabalho foram três volumes do manuscrito árabe da Biblioteca Nacional de Paris. Jarouche realizou um cotejo com as edições de Breslau (1825-1843), a Edição de Búlâq (1835), a segunda edição de Calcutá (1939-1842) e a Edição de Leiden (1984). Recorreu ainda a quatro manuscritos do ramo egípcio antigo, com a finalidade de apontar variantes de interesse para a história das modificações operadas no livro. O primeiro e segundo volumes da tradução são de 2005 e o terceiro de 2007.

Imperial de Petrópolis. No material disponível há um total de 84 noites traduzidas. Os trabalhos se iniciam na 36ª e terminam na 120ª noite. O primeiro caderno, com data de 21 de janeiro de 1890, em Cannes, na França, contém da 36ª a 69ª noite. O segundo caderno inicia-se em 10 de julho de 1890, também em Cannes, contém o final da noite 69ª e termina na 120ª noite; todavia, a última data assinalada pelo tradutor é 9 de novembro de 1891, em Paris, o que leva a supor que o Imperador não teria terminado a tradução, visto que falece em 05 de dezembro de 1891, ou seja, poucos dias depois.

Em relação à primeira parte da tradução, não se tem notícia dos manuscritos desse trabalho. Por ora, encontram-se desaparecidos, provavelmente arquivados em acervos particulares ainda não explorados. Durante a pesquisa, encontramos uma informação que pode apontar onde se encontra parte do material. Há um registro no diário pessoal do Imperador, do dia 27 de novembro de 1890 (5ª fa.), em que ele afirma que emprestara a primeira parte de suas traduções das *Mil e Uma Noites* para a família Mota Maia<sup>4</sup> para ser submetida à apreciação destes amigos, tal como pode ser constatado abaixo:

Li a minha tradução do árabe do conto das *Mil e Uma Noites*, que está lendo a mulher do Mota Maia a esta e ao marido seguindo-a ela em francês, e parecendo a ambos boa a que eu fiz. Como continuei a minha tradução nesse livro em branco só lhes deixei o livro da minha tradução que está todo escrito e vou procurar o anterior para lhes emprestar também [...]<sup>5</sup>.

4. Conde de Motta Maia: Médico da Imperial Câmara (cf. [http://www.ihp.org.br/colecoes/lib\\_ihp/docs/jfan20010429](http://www.ihp.org.br/colecoes/lib_ihp/docs/jfan20010429)).
5. Diário do Imperador D. Pedro II, 1840-1891 (organização de Begonha Bediaga). Petrópolis: Museu Imperial, 1999.

Ateliê

A data do primeiro e segundo volumes que constam no arquivo Histórico, como já mencionado, é de 1890. Foram realizados em Paris, Cannes, Vichy e Baden quando o imperador já se encontrava no exílio. Todavia, em seu Diário encontramos alusão à tradução das *Mil e uma Noites* já em 12 de julho de 1887 (3ª fa.), como segue: “[...] Acabei de traduzir árabe depois de comparar a tradução dos *Lusíadas* em alemão com o original e de continuar a traduzir as *Mil e uma Noites* no original com o Seibold” [...]. Cita também que procedeu a leituras desse texto em outras línguas: “[...] Acabei de percorrer o 1º vol. da tradução alemã das *Mil e Uma Noites* pelo Dr. Gustavo Weir com desenhos muito medíocres”<sup>6</sup>.

Somente depois de análise prévia dos manuscritos, foi possível constatar que a edição utilizada por D. Pedro II para sua tradução foi a de Breslau. Essa descoberta está pautada em alguns dados significativos. Pode-se citar como exemplo a presença das palavras “muladjlidij, de ladjladja” na 46ª noite, transcritas pelo tradutor e que se encontram justamente no manuscrito de Breslau. Segundo Jarouche<sup>7</sup>, só é possível encontrar tais palavras nesse manuscrito. Outro dado que comprova essa afirmação é que no final da 72ª noite, em 19 de julho de 1890, D. Pedro II escreve: “Acaba o volume primeiro da edição de Abicht”<sup>8</sup>, e repete seis vezes a

6. Ibidem, 19 de abril, 1890 (sábado).

7. Agradecemos ao auxílio do Prof. Dr. Mamede Jarouche que possui cópia do manuscrito de Breslau e possibilitou o cotejo dos textos. Acrescentamos que todos os reportes feitos em relação ao cotejo entre a tradução de D. Pedro II e a edição de Breslau não poderiam ter sido realizados sem a assistência do referido professor.

8. Manuscrito das *Mil e uma Noites*, maço 041 DOC 1064 cat B [D04 P011].

palavra acaba. A edição de Breslau apresenta essa mesma forma, sendo que a palavra “acaba” em árabe também é repetida o mesmo número de vezes, formando uma espécie de anagrama (fólio Cat B [D04 P011]). E ainda, como já mencionado, a edição de Breslau foi compilada por Maximilian Habicht, o que nos faz considerar que D. Pedro II tenha suprimido a letra “h” inicial do nome.

Outro dado que aponta para esta edição se refere à forma como se apresentam as noites<sup>9</sup>. A tradução de D. Pedro II apresenta a mesma sequência adotada por Jarouche até o início da noite 102<sup>a</sup>, na história do Corcunda do Rei da China. Nessa parte da narrativa há uma sintetização da história. A edição de Breslau – a mesma utilizada por D. Pedro II –, que se vale de um manuscrito “intermediário”, diferencia-se do “manuscrito-base”<sup>10</sup> utilizado por Jarouche. Essa sintetização ocorre no detalhamento dos fatos, sendo que o “manuscrito-base” é mais pormenorizado que o manuscrito “intermediário”. Todavia, encontram-se os mesmos personagens e fatos.

9. Lembramos que, dependendo do manuscrito utilizado, há variação não só no número de noites, mas também nas histórias que correspondem a eles.

10. Jarouche utilizou como base para sua tradução três volumes do manuscrito “Arabe 3609-3611” da Biblioteca Nacional de Paris. Cf. JAROUCHE, M. M. *Livro das Mil e uma Noites: ramo sírio*. São Paulo: Globo, Vol. I, 2006, p. 32.

Ateliê

A NOITE SEGUNDA E CENTÉSIMA  
 Disse Schahrazad : dizem, oh rei que foi  
 na cidade de Basra e Kasch/p/?-  
 gār homem alfaiate e foi-lhe ( tinha) amiga  
 conveniente a elle  
 e eis o alfaiate foi sentado na loja e eis  
 homem corcunda veio ao  
 lado da loja d'elle e sentou cantava e tocava  
 o adufe que tinha e  
 disse o alfaiate e não (há) mau que tome  
 este corcunda nesta noi-  
 te hospede e riremos sobre (de) elle. E  
 surgiu o alfaiate e disse ao  
 corcunda: e a ti (queres) que venhas  
 commigo para a casa de  
 mim e sejas-me hospede nesta noite, e  
 disse o corcunda : sim  
 oh (que) excellente isto que verificação-se  
 os sonhos. Então eis o al-  
 faiate e veio com elle a casa.  
 Disse o alfaiate: e puz defronte d'elle  
 cousa de peixe que tinha e sentamos,  
 comíamos, e  
 tomei pedaço do peixe e fiz-lhe o  
 escorregar no paladar  
 d'elle e cahiu na garganta d'elle e morreu  
 logo; <sup>11</sup>

#### O CORCUNDA DO REI DA CHINA

Conta-se, ó rei, que vivia na China, na  
 cidade de Kashgar, um alfaiate que tinha  
 uma bela mulher, [compatível com a sua  
 condição e que lhe satisfazia todas as  
 prerrogativas. Sucedeu que ambos saíram  
 certa feita a fim de passear e espairecer  
 num parque, e ali passaram o dia inteiro  
 brincando e folgando.

No final da tarde, no caminho de volta  
 para casa, toparam com um corcunda  
 meio maluco e divertido, vestido com uma  
 túnica de mangas duplas e colete de  
 bordados coloridos, à moda egípcia,  
 usando um lenço florido enrolado no  
 pescoço, gibão colorido e trazendo na  
 cabeça um chapéu recheado de âmbar,  
 com fitas verdes e sedas amarelas  
 entrelaçadas. Era um corcunda baixote, tal  
 como disse a respeito o poeta Antar na  
 seguinte poesia: [...]

Com um pandeiro nas mãos, o corcunda  
 tocava e dançava, improvisando canções  
 alegres com desenvoltura e  
 espontaneidade. Ao verem-no,  
 aproximaram-se e constataram que ele  
 estava embriagado, completamente  
 embriagado. Enfiou o pandeiro debaixo  
 do braço e começou a bater palmas para  
 marcar o ritmo, enquanto declamava a  
 seguinte poesia: [...]

E aurora alcançou Šahrāzād, que parou  
 de falar. [...] <sup>12</sup>

11. Manuscrito das *Mil e uma Noites* de D. Pedro II, noite 102ª, maço 041  
 DOC 1064 cat B [D04 P103]

12. JAROUCHE, M. M. Op. Cit.

Na análise<sup>13</sup> que determinou a concepção geral de tradução adotada por D. Pedro II, foi possível verificar que, em relação à descrição dos ambientes das *Noites*, não houve alterações. Foram mantidas as características originais desses lugares: eram abastados e possuíam as especificidades da cultura árabe-islâmica. A tradução do imperador não se caracterizou da mesma forma que algumas traduções do século XVIII e XIX, que buscaram aproximar a descrição desses ambientes às representações típicas do ocidente: por vezes aumentaram a cor local, criando assim mundos maravilhosos.

Outra característica mantida por D. Pedro II é o uso do verbo de elocução “dizer” visto que nas *Mil e uma Noites* todo mundo diz algo: disse o rei, disse o mercador, disse a criada, disse o jovem, e seguem dizendo:

[...] **Disserão:** oh senhor oh amigo excellente. Já é o/ccu/?uda a curiosidade de nós em esta cousa. **Disse** [/?/] o khalifa: e vós não sois de gente da casa e talvez informar-mei da historia [/?/] d'estas destas duas cachorras negras e desta moça e do bater d'ellas. E **disserão:** e (por) Deus não sabemos noticia uma e não vimos este lugar senão nesta hora, e espantou-se e **disse:** /exerá/?  
o homem que perto de vós saberá noticia d'ellas. [...] <sup>14</sup>

13. Para esse fim foi utilizado como texto comparativo a tradução brasileira de Jarouche, cuja tradução prima pelo original. Salientamos que há diferenças entre os dois textos, pois a tradução de D. Pedro II é uma primeira versão, inacabada, não foi trabalhada, nem revisada pelo tradutor, enquanto que a de Jarouche é uma versão editada, ou seja, a versão final.
14. Manuscrito das *Mil e uma Noites*, de D. Pedro II, noite 36<sup>a</sup>, [D03 P001] – grifos nossos.

Ateliê



Alguns tradutores preferem excluir essa característica por entender que a repetição torna o texto fastidioso. Em sua tradução, Jarouche optou por variar o verbo, “uma vez que os personagens são autênticas máquinas de “dizer”<sup>15</sup>. Com relação à repetição, há outro ponto mantido por D. Pedro II: todas as noites são encerradas quando a narradora Šahrāzād percebe que está clareando o dia. Jarouche utiliza a frase: “E a auro-ra alcançou Šahrāzād, que parou de falar. [...]” enquanto D. Pedro II utiliza: “E percebeu Schahrāzād a manhã e calou do conto e no amanhã disse”. Já os trechos da fala de Dīnārzād, no fim e início das noites, no qual a mesma pede à irmã Šahrāzād que continue a história, não estão presentes em todas as noites da tradução de D. Pedro II. Porém, isso se deve ao texto original utilizado por ele, em que essa personagem aparece mais nos contos iniciais, depois sua voz acaba por desaparecer, ou seja, progressivamente perde a importância a ponto de ser ignorada por eventuais fixadores de texto.

Aponta-se ainda para os versos contidos nas *Mil e uma Noites* que alguns tradutores optam por remover, tal como Galland. Segundo Codenhoto<sup>16</sup>, muitos desses versos são inseridos para enaltecer o sentimento do herói, ou como canções entoadas em festins ou canções artísticas, ou ainda para mostrar a cultura e pensamento dos personagens. São versos repletos de emoção que refletem a realidade do cotidiano, os acontecimentos das cortes dos califas das tertúlias literárias

15. JAROUCHE, M. M. Op. cit., p. 35.

16. CODENHOTO, C. D. *Na Senda das Noites: Les quatre talismans de Charles Nodier e Les mille et une nuits*. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Árabe). Universidade de São Paulo, 2007.

dos mecenas, da vida do povo. Nesses versos encontramos a sensibilidade da raça, seu temperamento dinâmico, sua impressionabilidade diante dos acontecimentos, seus rompantes sentimentais. São escritos em linguagem clássica e destoam da linguagem coloquial do restante do texto; devem sua frequência aos transe emotivos pelos quais passam os personagens no decorrer das histórias. Proporcionam ao leitor tomar conhecimento sobre o caráter pessoal da lírica árabe, sempre passional e impulsiva. Para melhor sensação, reproduz-se, abaixo, um exemplo. A começar pelo excerto do Imperador:

O halito almíscar e a face rosa	A fragrância é almíscar; as faces, rosa,
E os dentes perolas e a saliva vinho	os dentes, pérola; a saliva, vinho;
E o porte ramo e a nadeга castello	a esbelteza, ramo; os quadris, duna;
E os cabellos noite e o rosto lua cheia. <sup>17</sup>	os cabelos, noite; o rosto, lua cheia. <sup>18</sup>

Segundo Jarouche<sup>19</sup>, a tradução dos versos das *Mil e uma Noites* é “um bosque de inquietantes sombras”, pois dificilmente se consegue atingir a “altura do original”. A métrica rigorosa e os problemas de legibilidade tornam a tarefa extremamente complicada. Assim, ele optou por abrir mão da métrica, da rima em algumas ocasiões e trazer os hemistíquios separados por linha. Visto que se faz necessário para tal estudo dos versos um aprofundamento maior da poesia árabe, realizamos

17. Manuscrito das *Mil e uma Noites* de D. Pedro II, noite 73<sup>a</sup>, maço 041 DOC 1064 cat B [D04 P020].

18. JAROUCHE, M. M. Op. cit., p. 217.

19. Ibidem, p. 33.

Ateliê

uma análise descritiva sucinta que nos possibilita dizer que na versão de D. Pedro II os versos são preservados. Comparados aos de Jarouche, o versos possuem algumas similaridades. Porém, muitas vezes perdem os efeitos da poesia, obedecendo na maioria das vezes ao mesmo alinhamento.

Quanto à abundante fraseologia religiosa presente na obra, esta é mantida por D. Pedro II, tanto no que se refere às práticas do islamismo e às orações rituais<sup>20</sup>, quanto à atmosfera do mundo mulçumano. Em relação aos dogmas islâmicos, como a *chahada*, do árabe . “testemunho”, profissão de fé dos muçulmanos e o primeiro dos cinco pilares<sup>21</sup> do islã, observa-se respeito ao texto original. Todavia, em algumas noites, D. Pedro II opta por usar a palavra *Allah*, em outras Deus, não sendo possível definir critérios para a seleção de um ou de outro termo ao longo de sua tradução. O que chama a atenção é o fato de Allah ser grifado, por vezes, com letras minúsculas, fato que pode ser, em algum sentido, revelador para investigações mais aprofundadas, mas que ultrapassam os objetivos aqui delineados. Por exemplo: “[...] e disse o carregador e

20. A oração no islã requer que o fiel diga suas preces cinco vezes por dia, sendo um dos cinco pilares do islã. As cinco orações diárias podem ser ditas em qualquer lugar. A maioria das pessoas possui um tapetinho ou uma esteira especial onde se ajoelham e rezam, e seus gestos são sempre dirigidos para Meca. Os gestos têm tanto valor quanto as palavras: eles enfatizam a submissão do homem e mostram que o corpo e a alma são igualmente importantes. (<http://www.cti.furg.br/~marcia/c02religioes/islamismo.htm>). Acesso em 19 abr. 2010.

21. Estruturam a vida do mulçumano: a fé; a oração; ajuda ao necessitado (zakat); a autopurificação (jejum) e a peregrinação a Meca. (cf. [http://www.tendarabe.hpg.ig.com.br/religiao/os\\_cinco\\_pilares.htm](http://www.tendarabe.hpg.ig.com.br/religiao/os_cinco_pilares.htm)). Acesso em 19 abr. 2010.

Deus (por Deus) o grande totalidade de nós (todos nós) [...]”<sup>22</sup>.

Finalizaremos a parte da exposição de traços que caracterizam a obra com a apresentação de um dos aspectos considerados mais polêmicos em relação à obra, a saber: a questão da sensualidade e aquilo que se julgou “obsceno” nas representações do mundo ocidental.

Nas pesquisas relacionadas aos tradutores das *Mil e uma Noites* é possível observar que uma das características que marcam seus trabalhos concerne especificamente à abordagem do obsceno, justamente um dos traços mais marcantes da obra, que muitos deles não se atreveram a expor em razão das restrições impostas pelo olhar da sociedade da época. Temas como adultério, sadismo, incesto, etc., que servem de pretexto para as narrativas foram simplesmente contornados ou evitados. Entretanto, talvez em razão de seu envolvimento apreciativo com as culturas do oriente e, em particular com a cultura dos povos de língua árabe e persa e, talvez, reconhecendo que têm um modo distinto de tratar essas questões, D. Pedro II apresenta uma tradução “sem cortes”, conservando tudo aquilo que seria considerado no ocidente como pertencente à esfera do “proibido”, “do imoral”. O tradutor parece levar em consideração a natureza do texto e de suas bases culturais nas quais a representação do erótico, do “obsceno”, parece ser bastante diferente daquela instaurada no ocidente. Há também que se considerar o período em que ele realizou sua tradução, um momen-

22. Manuscrito das *Mil e uma Noites* de D. Pedro II, maço 041 DOC 1064 cat B [D03 P001].

to em que prevalecia o pensamento romântico<sup>23</sup> de valorização da obra original, uma oposição ao período das belas infieis<sup>24</sup> do século XVIII. Segue exemplo:

**História:** *Os vizires Nūruddīn Ali, Do Cairo, e seu Filho Badruddīn Hasan, de Basra.*

**Noite 82ª:** Tradução A (D. Pedro II, século XIX), Tradução B (Jarouche, século XXI);

**Noite 80ª:** Tradução C (Galland, século XVIII):

A – “[...] o corcunda já saíu pela porta e entrou na retirada (Khala = solidão = latrina) e cagou na barba d’elle e os excrementos descendo do canal d’elle [...] E o corcunda se tremeu e sentou (estava) assentado sobre os buracos e cagou nos vestidos d’elle”<sup>25</sup>.

B – “[...] o corcunda saiu pela porta e entrou no banheiro, onde tanta merda lhe escorreu do rabo que ele se sujou até a barba. [...] O corcunda ficou a princípio assustado, e depois tão amedrontado que a merda começou a lhe escorrer pelas pernas”<sup>26</sup>.

C – “Le bossu était véritablement sorti de la salle. Le génie s’introduisit où il était, prit la figure d’un gros chat noir et se mit a miauler d’une manière épouvantable”<sup>27</sup>.

23. Cf. SCHLEIERMACHER, F. Sobre os diferentes métodos de tradução. In: *Clássicos da teoria da tradução – Antologia bilingue, alemão-português*. In: HEIDERMAN, W. (org.). Vol. I. Trad. POLL. M.v.M/UFSC, Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

24. MILTON, J. *Tradução: Teoria e Prática*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

25. [Manuscrito das *Mil e uma noites* de D. Pedro II, p. 51-52]. GALLAND, A. *Les Mille et une nuits: Contes Arabes*. Paris: Ernest Bourdin. Tomo I e II, 1704.

26. JAROUCHE, M. M. Op. cit., 236.

27. [Manuscrito das *Mil e uma noites* de D. Pedro II, p. 51-52]. GALLAND, A. *Les Mille et une nuits: Contes Arabes*. Paris: Ernest Bourdin. Tomos I e II, 1704.

Esse excerto se distingue por não estar relacionado diretamente ao sexo, característica mais forte do obsceno, mas por possuir palavras de natureza escatológica que ferem ao pudor que, convencionalmente, possui suas restrições. Termos como “cagou, rabo, merda” estão relacionadas ao que Bataille<sup>28</sup> considera baixeza, ao mundo da queda; são termos que se encaixam naquilo que é imundo, sujo, grosseiro. Galland por sua vez não se reporta a esses termos, ele simplesmente traduz a aparição do gato e o miado apavorante que produziu medo no corcunda.

Tendo então definido algumas normas gerais seguidas por D. Pedro II, as quais caracterizaram sua tradução, cabe-nos verificar como ocorreu esse processo. Estabelecer quais os percursos que levaram o tradutor ao seu texto “final”, e assim definirmos o perfil de tradutor de D. Pedro II.

#### MÉTODO DE TRABALHO DE D. PEDRO II

A análise dos manuscritos do dossiê das *Mil e uma Noites* de D. Pedro II revelou um método de trabalho aparentemente não sistemático. Em suas anotações, geralmente diárias, verifica-se que o tradutor não possuía horários fixos de trabalho, tampouco escolhia lugar exato ou adequado. A atividade era realizada tanto ao ar livre como em um recinto fechado, tal como pode ser constatado em alguns excertos retirados do seu diário<sup>29</sup>.

28. BATAILLE, G. *O Erotismo*. Trad. Antonio Carlos Vianna. Porto Alegre: L&PM, 1987.

29. Diário do Imperador D. Pedro II, op. cit.

Ateliê

Em 21 de novembro de 1872 D. Pedro II escreve: “5<sup>h</sup> ¼. Tomei o café e vou traduzir do hebreu”. Em 1 de maio de 1888 “11h 40’ (3<sup>a</sup> fa.): “Jantei bem. Traduzi o soneto que Manzoni fez a si, e fui ouvir a [Carmosi]”.

Verificou-se também que ele realiza mais de uma tradução ao mesmo tempo. Em 21 de janeiro de 1890 (3<sup>a</sup> fa.): “[...] 10h ½ Antes de jantar estudei árabe, traduzindo *As mil e uma Noites*”. Ou ainda, em 22 de janeiro de 1890 (4<sup>a</sup> fa.): “[...] Ainda traduzi a *Odisséia* e li provas da arte guarani de Restivo com o Seibold”.

Em relação aos processos de revisão e transcrição, não foi possível proceder às análises, uma vez que se dispõe tão somente de uma versão da tradução das *Mil e uma Noites*, isto é, não há rascunhos ou documentos anexos que evidenciem quaisquer tipos de progressões. No entanto, em seu diário, podemos verificar que o tradutor tinha o hábito de realizar transcrições, por exemplo, o autor relata que estava fazendo a transcrição da tradução de *O Sino*, de Schiller. Há também as transcrições do *Cinco de Maio*<sup>30</sup>, de Manzoni, demonstrando que costumava trabalhar e rever as primeiras versões provisórias de suas traduções e que existia o que podemos definir de processo de criação, como bem demonstram as notas a seguir do ano de 1890:

14 de agosto (5a fa.) – 5h 50’ Dormi bem. Parece querer chover.

Vou ao Schiller.

3h ¼ Estive às voltas com a cópia da tradução do Schiller.

16 de agosto (sábado) – [...]

30. Em recente pesquisa de campo do Núcleo de Estudos em Processos Criativos (NUPROC – abr 2010) ao Museu Imperial de Petrópolis e ao IHGB, verificou-se que há diferentes transcrições do *Cinco de Maio*, de Manzoni.

4h  $\frac{3}{4}$  Acabei de ditar à Japurazinha a cópia de minha tradução de Schiller. [...] No Jornal do Comércio de 19 de julho vem a notícia relativa ao planeta descoberto por Perrotin no observatório de Nice e a que por pedido dei um nome – o de Brasil (Brésil).

18 de agosto (2a fa.) [...]

1h  $\frac{1}{2}$  Estive corrigindo a cópia de minha tradução de Schiller com a Japurinha e quase terminei.

Aprofundando a análise do manuscrito, verifica-se que a metafísica da tradução ou poética da tradução, que, segundo Romanelli<sup>31</sup>, é obtida com uma análise mais intensa da estrutura e composição da obra, e possibilita, assim, verificar a estética a que se propôs alcançar o tradutor com seu trabalho e que tipos de operações linguísticas e textuais utilizou para esse fim, se apresenta no caso de D. Pedro II com a seguinte tipologia:

- Testagem Lexical;
- Reconstituição Etimológica;
- Testagem verbal;
- Explicação de expressões;
- Significado dos nomes;
- Opção em aberto;
- Manutenção de *casos*.

Obtivemos essas tipologias ao observar as rasuras, os acréscimos, as anotações, enfim, o conjunto de operações adotadas pelo tradutor para construir seu texto. Ressaltamos que vamos considerar como “rasuras e

31. ROMANELLI, S. *A gênese de um processo tradutório: os manuscritos de Rina Sara Virgillito*. Bahia, 2006. 534 p. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

Ateliê



acréscimos”<sup>32</sup> as opções que o tradutor colocou entre parênteses. Podemos intuir que ele tenha realizado a correção logo após a escritura da palavra, visto que ele coloca a opção entre parêntese no mesmo fluxo da escrita e no mesmo eixo sintagmático da linha. Tais procedimentos se repetem durante todo o percurso de tradução da obra, realçando alguns aspectos de natureza linguística que marcam o processo tradutório de D. Pedro II.

#### TESTAGEM LEXICAL

Ocorre quando o tradutor coloca entre parênteses uma variante de um substantivo ou adjetivo em outra língua. A ocorrência dessa tipologia não foi frequente nos trechos analisados do manuscrito. Eis alguns exemplos: noite 73<sup>a</sup> Fólio 021: “[...] d’elle nesta noite em Masr (Cairo) e esta a noite na qual [...]”; noite 82<sup>a</sup> Fólio 050 e 053: “Hasan de Bassora (Hasan de Basra)”.

Na análise dessa tipologia, constatou-se que o tradutor opta, no decorrer da tradução, por uma das palavras. Por exemplo, em relação à Bassora: seu uso se inicia na 72<sup>a</sup> noite (História dos vizires Nūrūddīn Alī, do Cairo, e seu filho Badruddīn Hasan, de Basra): a primeira forma utilizada é “Bassorah”, porém nessa mesma noite aparece “Basra” seguida de seu estudo etimológico:

32. Na maioria dos estudos, as rasuras e os acréscimos aparecem como uma palavra que foi riscada ou substituída após uma releitura do texto e reformulada numa segunda versão da primeira escrita. Ou como uma substituição que se encontra em uma posição diferente do fluxo da escrita, como se tivesse sido colocada após o autor ter finalizado o trecho em que realizou a substituição, ou apagamento, etc.

[...] (de bassora = vidit[/?/] observatorium; fundada como atalaia por Omar, em 636, contra a Persia meridional) [...]

Em seguida ele utiliza “Bassorá”, que é mais uma das formas aceitas para escrever o nome dessa cidade, depois prossegue com Basra, e acaba optando por esta ao longo de seu trabalho. A escolha do Imperador é a mesma que hoje é feita pela imprensa brasileira, que prefere o termo “Basra”, mesmo este não encontrando embasamento nas fontes onomásticas tradicionais do português. Esse ponto nos leva a conjecturar que, embora D. Pedro II estivesse traduzindo para o português, ele optou por um termo transcrito do árabe, o qual permite mostrar que o tradutor buscou uma tradução mais próxima do original.

#### RECONSTITUIÇÃO ETIMOLÓGICA

O tradutor tem o hábito de desdobrar o significado de determinada noção ou conceito do texto original que está traduzindo por meio da reconstituição e descrição da etimologia da palavra em questão em várias línguas. Há ocorrências desse procedimento em árabe, francês, grego, hebreu, inglês, italiano, latim, persa, português. A reconstituição etimológica é realizada em praticamente todas as noites traduzidas, evidenciando assim a preocupação do tradutor em pesquisar cada expressão, cada unidade lexical. Seguem, abaixo, alguns exemplos ilustrativos cujas explicações ultrapassam as linhas desta investigação.

*Ateliê*

Noite 36<sup>a</sup> Fólio 01

[...] no desejo igualdade (to-  
dos nos desejamos o mesmo e eu moço ( nasch; de nascha= ado/?/o)  
de Bagdad ( Deus = bog em[/?/] slavo-dād. pers.datus; donum) [...]

Noite 50<sup>a</sup> Fólio 043

[...] traçou ella em circulo ( persa paikār; arabisado [/?/] bikār; sansk prati-kāra= /ðgoō- xgá?vco/? = perfazer) circulo dāina;dāra=circumdedit;heb.dūr)no meio do palácio [...]

## TESTAGEM VERBAL

As hesitações em relação às flexões verbais se fazem presentes em razão das eventuais constatações do próprio tradutor de que as locuções verbais podem ser substituídas por uma única forma verbal. Naturalmente, podem supor um processo de simplificação do discurso escrito, aproximando-o da oralidade. Assim, o tradutor, entre parênteses, manifesta sua segunda opção.

Noite 72<sup>a</sup> Fólio 019: “[...] e já quero que eu escreva (escrever) o contracto d’elle [...]”

Em alguns casos, trata-se de adaptações a gramática do português, pronome anteposto ao verbo, pronome posposto ao verbo. Naturalmente, no exemplo abaixo, a presença do pronome relativo “que” produziu efeito indesejável, tendo sido sumariamente suprimido.

Noite 37<sup>a</sup> Fólio 05: “[...] quero que informe-te (quero informar-te)”.

Em outros casos, trata-se de adaptação do tempo verbal mais adequado para a descrição da cena: “[...] espanto e disse: não [/?/] enforquei (enforcarei) senão o escravo [...]”.

Noite 82<sup>a</sup> Fólio 52: “[...] guardo-te e qual tempo que subas (quando subires) antes do [...]”

#### EXPLICAÇÃO DE EXPRESSÕES

Caracteriza-se por apresentar uma explicação do termo utilizado, foneticamente transcrito, sendo que essa explicação é apresentada entre parênteses e diz respeito à etimologia da palavra, isto é, à composição da unidade lexical. Supomos que o tradutor tenha realizado pesquisa em dicionários e registra para si estes percursos. Por exemplo:

Noite 36<sup>a</sup> Fólio 02: “[...] os Kalandaris (de kalandar nome Persa ‘!<do> /fundador/? d’esta ordem mendicante) [...]”

Noite 36<sup>a</sup> Fólio 04: “[...] Disserão: não por deus oh’ senhora de nós e não nós fakirs ( de faka/r/a=foi nobre, como em persa darvish; al.darben=egese) [...]”

#### SIGNIFICADO DOS NOMES

Essa tipologia se caracteriza pela opção do tradutor em especificar o significado de nomes estrangeiros entre parênteses. Provavelmente, sua intenção tenha sido a de proporcionar ao leitor que não possui conhecimento da língua árabe, o significado desses nomes, pois a transcrição realizada por ele não aponta para os traços semânticos que caracterizariam o personagem.

Noite 72<sup>a</sup> Fólio 011: “[...] Beedr Addin (lua-cheia da religião) Hasan (bello) de Basra e disse o califa: oh vizir [...]”

*Ateliê*

Noite 72<sup>a</sup> Fólio 013: “[...] nome do grande Schamsaldin (sol-da-religião) Moham-med e o pequeno Nuraldin (luz-da-religião) Ali e foi [...]”

Entretanto, não é um padrão do tradutor o uso da transcrição dos nomes árabes. Em alguns casos, como na noite 82<sup>a</sup>, ele traduz o nome da personagem diretamente para seu significado em português. Senhora-da-beleza seria a tradução literal do nome da personagem Sitt al-Husn<sup>33</sup>. Constatase ainda que, em relação à grafia dos nomes, há também fortes influências de outros idiomas nas transcrições para o português. Por exemplo, observa-se forte influência da língua alemã<sup>34</sup>, principalmente na escrita de nomes próprios, como por exemplo, o nome de Schahrāzād. Este fato encontra explicações bastante sólidas quando se conhece parte da formação intelectual deste tradutor. Em seu diário pessoal, D. Pedro II registra suas relações de estudo com orientalista alemão Seybold, que era seu professor de árabe e sânscrito, e foi companhia constante do Imperador após o exílio.

#### OPÇÃO EM ABERTO

A opção em aberto se caracteriza pela escolha de mais de uma opção para uma oração ou termo traduzido. O tradutor coloca entre parênteses possíveis opções,

33. Em relação aos reportes feitos à língua árabe, estes só foram possíveis graças ao auxílio do Prof. Mamede Jarouche, que confirmou as hipóteses levantadas na pesquisa.

34. Para confirmar a hipótese levantada sobre a influência da língua alemã, solicitamos o auxílio de Mariana Almeida, professora do curso extracurricular de língua alemã da UFSC.

sem, no entanto demonstrar preferência por nenhuma. Nota-se que nas ocorrências enquadradas nesta tipologia há variantes. Em alguns casos, o tradutor se limita a escolhas que remetem ao nível meramente linguístico. Ou seja, apresenta sinônimos mais ou menos formais do mesmo termo, tornando o texto mais acessível e menos arcaico.

Noite 71<sup>a</sup> Fólio 07: “[...] de manhan do dia (hoje de manhan) furtei maçan das [...]”

Noite 37<sup>a</sup> Fólio 05: “[...] Então levantou e ausentou hora (algum tempo) [...]”

Em outros casos, é somente uma questão de impossibilidade de escolher entre opções igualmente válidas com significações diferentes, mas todas coerentes, as quais remetem ou possibilitam a abertura do texto, o que Romanelli<sup>35</sup> chama de “rasuras que apontam para textos possíveis”, sendo que pode haver coerência em ambas as opções propostas pelo autor. Ainda segundo Romanelli, assim procedendo, a indecisão do tradutor ao optar por um termo só nos mostra o questionamento da ideia de texto acabado, evidenciando a possibilidade de existirem vários textos possíveis; e dessa forma, valores como acabamento, definição, ponto de partida, conclusão passam a ser questionados. A Crítica Genética possibilita verificar a coerência intrínseca que há na obra, mesmo que esta seja uma obra acabada (pronta para publicação) ou inacabada.

35. ROMANELLI, S. Op. cit., p. 184.

Noite 46<sup>a</sup> Fólio 027: “[...] o ifrit: vós ambos correspondeis (estaes de acordo) contra mim [...]”

Noite 116<sup>a</sup> Fólio 129: “[...] e fiquei ausente da existencia (desmaiei) e quando veio governador a bolsa... [...]”

#### MANUTENÇÃO DE CASOS

Uma das singularidades da tradução de D. Pedro II, observada na esfera gramatical, concerne à utilização da fórmula possessiva “de mim”. Por exemplo, na 45<sup>a</sup> noite ele traduz: “[...] interprete-se o olhar de mim em lugar da língua de mim [...]”. Nossa hipótese é que isto provavelmente ocorra em razão de, na língua árabe, a partícula referente ao pronome possessivo aparecer agregada ao final da palavra. Tal fenômeno, característico de uma língua aglutinante, incita sua manifestação em uma língua analítica como o português através de uma partícula possessiva introduzida por preposição, sendo essa a opção estilística usada por D. Pedro II para manter a característica da língua árabe, mesmo que esse recurso se torne estranho para a língua portuguesa. Ressalta-se que esta tipologia não está inserida nas tabelas, pois é frequente em todo o texto e, assim, sua representação em tabelas se tornaria exaustiva:

Noite 72<sup>a</sup> Fólio 05: “[...] a esposa de mim e mãe dos gerados (filhos) de mim e ella filha do tio de mim e este velho o tio de mim ↑⟨o⟩ pae d’ella e casou-me com ella virgem, fiquei com ella onze annos [...]”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, buscamos verificar quais os parâmetros seguidos pelo tradutor ao realizar seu trabalho. Para alcançarmos tal objetivo, realizamos o cotejo entre as traduções de D. Pedro II e de Jarouche, visto que este último primou pela fidelidade ao original. O apontamento dessas características nos auxiliou na construção do perfil de tradutor, bem como na descrição da obra traduzida.

Quanto à análise macroestrutural, pode-se dizer que a tradução de D. Pedro II apresenta as características que marcam o livro árabe, sendo que ele optou por manter os ambientes das noites com suas características originais; manteve o uso do verbo “*dissendi*”; a grande quantidade de versos; não omitiu a fraseologia religiosa e manteve trechos considerados “obscenos” a partir da ótica ocidental. Optou ainda por manter a divisão da narrativa em noites, não alterou os trechos que apresentam repetições, realizando uma tradução de cunho literal, embora em certos trechos sua linguagem não fique próxima da estrutura da língua portuguesa.

Essa análise da macroestrutura possibilitou ainda verificar que o Manuscrito utilizado por D. Pedro II foi o de Breslau. Através da análise das “noites”, verificamos que havia uma diferenciação entre as traduções comparadas. A partir da 102ª noite, na história do Corcunda do Rei da China, ocorre uma sintetização da narração, o que ocasionou a redução de duas noites na tradução de D. Pedro II. Confirma-se que D. Pedro estava utilizando a edição de Breslau que possui essa sintetização. Além desse fato, há a própria afirmação do tradutor ao acabar o primeiro volume do livro, em

Ateliê



que ele escreve “acaba o volume primeiro da edição da Abicht”, no fólho Cat B [D04 P011], sendo que, Abicht (Habicht) é o organizador da edição de Breslau. E ainda o cotejo entre as palavras (muladjlidij; do ladjladja = repetiu palavras fallando)<sup>36</sup> presentes na tradução de D. Pedro II e que estão presentes na edição de Breslau comprovam nossa afirmação.

Em relação à opção do tradutor em manter os trechos obscenos que outros tradutores do mesmo período e ainda alguns atuais preferem suprimir, consideramos que o fato se dê devido ao conhecimento cultural que ele possuía da cultura oriental, a qual possui outra visão da sexualidade, sendo totalmente oposta a visão cristã-ocidental. Dessa forma, encontramos na literatura árabe um gênero textual que se caracteriza por apresentar uma espécie de anedota obscena e fortuita, cujo objetivo é divertir. Esse gênero, conhecido por *mujūn*, encontra no livro das *Mil e uma Noites* seu maior representante. Cabe ainda, dizer que D. Pedro II, ao realizar sua tradução e manter esse ponto divergente em várias traduções, não estava preocupado com sua posição de Imperador, pois esta posição poderia ser um motivo para que ele excluísse ou apaziguasse o teor obsceno do livro.

Salientamos que, embora tenhamos consciência de que a análise descritiva se faz com dois textos editados, aqui, nossa análise utilizou um texto não acabado, e por esse motivo, vemos a necessidade de certa cautela na análise dos resultados em relação ao acabamento

36. Manuscrito da tradução de D. Pedro II, noite 45ª – Fólho cat B [D03 P026].

textual, pois a tradução de D. Pedro II não foi finalizada, ou “trabalhada” o suficiente para alcançar um nível de edição final.

Após definirmos as características da tradução de D. Pedro II, quais as opções tomadas por ele enquanto tradutor do texto árabe, passamos a análise de qual o processo que definiu essas características; quais influências externas e internas levaram-no ao desenvolvimento de seu texto. Assim, buscamos apoio metodológico na Crítica Genética para definir através dos passos deixados no manuscrito e com auxílio das outras partes do dossiê genético, qual o caminho percorrido por D. Pedro II ao realizar sua tradução das *Mil e uma Noites*.

Nessa parte da análise em que seguimos os passos do tradutor através de suas rasuras, verificamos que a microestrutura do texto comprova o que já havíamos encontrado na macroestrutura: uma preocupação com o original, uma constante pesquisa lexical e etimológica e ainda a utilização de transcrições diretas de palavras de origem árabe para o português, demonstrando essa preocupação com o original e apontando para um tradutor preocupado em compreender e traduzir de forma correta o texto.

Em suma, os manuscritos revelaram um *modus operandi* de um intelectual que utilizava a tradução como forma de aprendizagem. As marcas deixadas no texto mostram que ele realizava uma contínua busca lexical e etimológica dos termos traduzidos ou transcritos do árabe. Consideramos ainda que o perfil de tradutor de D. Pedro II se aproxima do perfil de tradutores do século XIX no Brasil, os quais viam na atividade tradutória uma fonte de prazer ou simplesmente uma forma de interagir

Ateliê

com os amigos através dela<sup>37</sup>. Do mesmo modo, temos no tradutor D. Pedro II a utilização de um método de tradução que busca aproximar o leitor<sup>38</sup> do autor. Seu texto apresenta essa preocupação de conservação do “estranho” (as diferenças na escrita, na sonoridade, na gramática, etc.). Ele deixa o leitor ciente de que o “autor viveu em outro mundo e escreveu em outra língua”<sup>39</sup> ao manter as características do original, mesmo que cause um certo “choque” em seu leitor.

Enfim, buscamos delinear o perfil de tradutor de D. Pedro II, elucidar quais as escolhas realizadas por ele nos seus processos de tradução. Expor um pouco mais sobre este intelectual do século XIX, sobre essa dualidade de expressão que presidiu a vida do Imperador: de um lado, D. Pedro II sendo um governante exemplar e de outro, o intelectual Pedro d’Alcântara que foi um expoente da cultura brasileira no século XIX.

#### REFERÊNCIAS

- BATAILLE, G. *O Erotismo*. Trad. Antonio Carlos Vianna. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BESOUCHET, L. *Pedro II e o Século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

37. WYLER, L. *Línguas, Poetas e Bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003, p. 83.

38. Mesmo não tendo a intenção de publicação, e assim, não visando traduzir para um público-alvo, consideramos que o leitor de D. Pedro II será ele próprio, e ainda familiares e amigos, já que, várias vezes ele escreve que dá de presente, ou cede para leitura uma de suas traduções.

39. SCHLEIERMACHER, F. Op. cit., p. 79.

- BIASI, P.-M. de. A crítica genética. In: BERGEZ, D. et al. *Métodos críticos para a análise literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BORGES, J. L. Os tradutores das 1001 Noites. In: *História da Eternidade*. Rio de Janeiro: Globo, 1986.
- \_\_\_\_\_. *As Mil e uma Noites*. In: *Sete Noites*. São Paulo: Max Limonad, 1987.
- BOUHDIBA, A. *A Sexualidade no Islã*. Trad. Alexandre de O. Carrasco. São Paulo: Globo, 2006.
- BRANCO, L. C. *O que é erotismo*. São Paulo: Brasiliense, s/d.
- CANSINOS-ASSENS, R. *Libro de Las Mil Y Una Noches: Estudio literário crítico de las Mil y una noches*. Editora Aguiar. Tomo I, 1992.
- CARVALHO, J. M. D. *Pedro II: Ser ou não Ser*. Coord. Elio GASPARI e Lilia M. SCHWARCZ. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CELSO, A. *O Imperador no Exílio*. Rio de Janeiro: Francisco Alves & cia, s/d.
- CODENHOTO, C. D. *Na Senda das Noites: Les quatre talismans de Charles Nodier e Les mille et une nuits*. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Árabe). Universidade de São Paulo, 2007.
- EPÍSTOLA GÁLATAS. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Ave Maria, 153<sup>a</sup> ed. Revisada Frei João José Pedreira de Castro. Cap. 5, p. 16-21, 2002.
- GALLAND, A. *Les Mille et une nuits: Contes Arabes*. Paris: Ernest Bourdin. Tomos I e II, 1704.
- GIORDANO, C. *História d'As Mil e uma noites*. Campinas: Unicamp, 2009.
- HERMANS, T. *The manipulation of Literature: Studies in Literary Translation*. Londres: Croom helm, 1985.

Ateliê

- \_\_\_\_\_. *Translation in Systems: Descriptive and Systemic Approaches Explained*. Manchester: St. Jerome Publishing, 1999.
- HUNT, L. (Org.). *A invenção da Pornografia: obscenidade e as origens da Modernidade*. Trad. Carlos Szlak. São Paulo: Hedra, 1999.
- JAROUCHE, M. M. Notas sobre a tradução e regime de narrativa no livro das *Mil e uma Noites*. In: ARAÚJO, H. V. (Org.). *Revista Diálogo América do Sul*. Países Árabes. Brasília: FUNAG/IPRI, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Livro das Mil e uma Noites: ramo sírio*. São Paulo: Globo, Vol. I, II, 2006.
- \_\_\_\_\_. O livro das *Mil e uma Noites*: Dilemas e opções de uma tradução. *Revista Veredas*. Vol. 8, Porto Alegre, 2007.
- LEFEVERE, A. *Translation, Rewriting & the Manipulation of Literary Fame*. Londres: Routledge, 1992.
- LOEWENSTAMM, K. *O Hebraísta no Trono do Brasil: Imperador D. Pedro II*. São Paulo: Centauro, 2002.
- LYRA, H. *História de D. Pedro II: 1825-1891*. Vol. I, II, III. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1977.
- MEY, K. *Art & obscenity*. Londres; Nova York: I. B. Tauris, 2007.
- MILTON, J. *Tradução: Teoria e Prática*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- OTTONI, P. *A responsabilidade de traduzir o in-traduzível: Jacques Derrida e o desejo de [la] tradução*. Campinas: Unicamp, 2001.
- RAEDERS, G. *D. Pedro II e os sábios Franceses*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 1944.
- ROMANELLI, S. *A gênese de um processo tradutório: os manuscritos de Rina Sara Virgillito*. Bahia, 2006. 534 p. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Universidade Federal da Bahia.

SALLES, C. A. *Crítica Genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística*. São Paulo: Educ, 2008.

SCHLEIERMACHER, F. Sobre os diferentes métodos de tradução. In: HEIDERMAN, W. (Org.). *Clássicos da teoria da tradução – Antologia bilíngue, alemão-português*. Vol. I. Trad. POLL. M.v.M/UFSC. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

SCHWARCZ, L. M. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TEIXEIRA, M. *O Imperador Visto de Perto*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo, 1917.

TOURY, G. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

WYLER, L. *Línguas, Poetas e Bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ARQUIVO DO MUSEU IMPERIAL DE PETRÓPOLIS:

Diário do Imperador D. Pedro II, 1840-1891 (organização de Begonha BEDIAGA). Petrópolis: Museu Imperial, 1999.

Manuscritos originais da tradução das *Mil e uma Noites* de D. Pedro II.

Ateliê